OS DESLIZAMENTOS DE SENTIDO: EFEITOS METAFÓRICOS E
METONÍMICOS NO DISCURSO DO CORPO

Mônica Ferreira Cassana¹

RESUMO: Neste artigo, pretendemos discutir as formas de subjetivação do sujeito transexual na contemporaneidade, através da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, fundamentada por Michel Pêcheux. Pretendemos demonstrar, em nossas análises, o funcionamento do discurso desses sujeitos, em entrevistas concedidas a sujeitos entrevistadores em canais de televisão aberta que circulam no Brasil entre os anos de 2011 e 2012. Nas sequências discursivas que analisamos, procuramos entender o modo como as categorias de metáfora e metonímia ocorrem nesse discurso, desvelando saberes de rompimento e deslize, adquirindo o sentido de efeito, levando-nos a compreendê-las como efeitos metafóricos e metonímicos. Mostrando o modo como o língua e corpo se articulam e se revelam discursivamente, consideramos, finalmente, que os efeitos metafóricos e metonímicos propostos nessa reflexão podem ser pensados nesse discurso, o qual consideramos da ordem de um impossível

Palavras-chave: Sujeito. Discurso. Metáfora. Metonímia.

ABSTRACT: In this article, we intend to discuss the ways of subjectivation of the transsexual subject in the contemporary era through Discourse Analysis theoretical framework, such as developed by Michel Pêcheux. In our analyses, we intend to demonstrate the way these subjects' discourse works in interviews given to subject-interviewers and broadcasted on open television channels, which circulated in Brazil between the years of 2011 and 2012. In the discursive sequences which were analyzed, our goal is to understand the way the categories of metaphor and metonym take place in this discourse, unveiling the knowledge of rupture as well as slippery, acquiring the sense of effect and therefore leading us to perceive them as metaphoric and metonymic effects. Showing the way by which language and body are articulated and reveal one another discursively, we finally consider that the metaphoric and metonymic effects proposed in this reflection can be thought in this discourse, which is considered as belonging to the order of the impossible.

Keywords: Subject. Discourse. Metaphor. Metonym.

¹ Professora do curso de Letras na Universidade Federal do Pampa (Campus Bagé/RS), Doutora em Letras. E-mail: monicassana@gmail.com

Considerações iniciais

As questões de gênero vêm ocupando um lugar central na atualidade. Cada vez mais, os olhares se voltam sobre aqueles que transgridem as normas esperadas através da estipulação de uma (nova) relação com seu corpo, que resiste ao esperado. A transexualidade surge nesse espectro como uma dessas relações, que está, ao nosso ver, ancorada fundamentalmente sobre a noção de falta.

Entendemos que os sujeitos transexuais representam o corpo que se produz sobre uma noção de falta, já que há um desencontro entre a identidade de gênero e o sexo de nascimento. Nessa perspectiva, entendemos que o corpo se institui a partir dessa cisão, que marca essa forma de subjetivação. Nesse corpo, encontramos as tentativas de apreensão do impossível, que circula entre as noções estigmatizadas e binárias sobre a transexualidade e o desejo desse sujeito que se identifica. Ao analisarmos o discurso dos sujeitos transexuais, encontramos a tentativa de simbolizar, preencher, nomear, as faltas de um corpo permeado de recortes, de feridas, de cicatrizes. Esse (des)encontro do discurso do corpo busca preencher um vazio e encontrar uma nova forma de posicionar-se em uma determinada formação social, um lugar de visibilidade na estrutura capitalista, que sustenta essa formação.

Corpo e língua fazem parte do sujeito. Corpo e língua constituem o sujeito e o sentido. A impossibilidade de a língua conter todos os sentidos é a impossibilidade de o corpo nos dizer tudo de um sujeito. No caso em análise, considerando sujeitos que estão em uma transição de seu corpo em relação à identidade de gênero, a impossibilidade de a língua dizer tudo torna-se ainda mais limitada. Esse é o nó que estreita a relação entre língua e corpo, relação que será tra-

balhada durante o desenvolvimento de nossa reflexão.

Linguisticamente, é impossível que os pronomes pessoais e demonstrativos, adjetivos e substantivos não identifiquem o gênero de um sujeito que fala ou do qual se quer falar. A estrutura da língua portuguesa não permite, salvo algumas exceções², que falemos em um gênero neutro, sem nos referirmos a uma pessoa do sexo feminino ou masculino. Assim, dizemos “ele” ou “ela”, “dele” ou dela”. É inconcebível dizer ele e ela, dele e dela. Esse impossível da língua mostra o seu furo: a impossibilidade de tudo nomear, de tudo responder.

O discurso da ciência também escapa, uma vez que se produz apenas como um recorte, uma ilusão sobre determinado objeto que produz um efeito de completude. Nessas circunstâncias, tal discurso também revela traços da ordem do impossível. Pêcheux (2009 [1975], p. 168) afirma que:

Todo “ponto de vista” é o ponto de vista de um sujeito; uma ciência não poderia, pois, ser o ponto de vista sobre o real, uma visão ou uma construção que representasse o real (um “modelo” do real): uma ciência é o real sob a modalidade de sua necessidade-pensada, de modo que o real que tratam as ciências não é senão o real que produz o concreto-figurado que se impõe ao sujeito na necessidade “cega” da ideologia (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 168).

Assim, o discurso da ciência tenta dominar o discurso *sobre* os corpos, estando abrigado em uma formação discursiva que, atra-

² O gênero ao qual nos referimos aqui é puramente gramatical, em uma concepção tradicional de língua. Nessa concepção, há divisão dos substantivos de acordo com o gênero linguístico: nos referimos aos substantivos comuns de dois gêneros, os quais apresentam apenas um gênero gramatical mas servem para determinar pessoas/ coisas de ambos os gêneros e, também, os substantivos sobrecomuns, que podem ter seu gênero determinado a partir do uso de um artigo definido ou pronome. Essas questões já nos permitem pensar em uma língua vista apenas como estrutura, cindida e dividida através de uma concepção empírica, a qual nos distanciamos neste trabalho.

vés da lógica, tenta estabelecer formas corretas para os corpos. Tal como a língua, a ciência também é coercitiva: biologicamente, é impossível falar de um sujeito que tenha os cromossomos XX e XY. Ou se é XX ou se é XY. Outras possibilidades, que fogem a essa simbolização determinada científica (e, portanto, ideologicamente), são consideradas anormalidades, patologias. A coerção da lógica disjuntiva, portanto, tem o seu princípio no discurso da ciência e se materializa no discurso dos sujeitos.

Uma visão logicista sobre a linguagem e sobre os corpos faria com que essa reflexão findasse aqui. Contudo, esse é exatamente o nosso ponto de partida. Os sujeitos transexuais apresentam uma impossibilidade em seu corpo. Contudo, a impossibilidade biológica de serem homens *ou* mulheres não reflete necessariamente uma impossibilidade discursiva de *se dizerem* homens e mulheres. É, a partir dessa perspectiva, dessas marcas discursivas que permitem o deslize dos sentidos da língua, que esses sujeitos falam de si e rompem com o abafamento histórico dos sentidos pré-construídos. Ao falarem de si, esses sujeitos marcam seu lugar na formação social. Passam, assim, de um lugar de invisibilidade, buscando colocar-se em posição de sujeitos do discurso.

O ponto onde corpo e língua se tocam passa a constituir um sujeito que se diz imperfeito. Um sujeito cujo corpo não se encaixa nos formatos preestabelecidos, e que, por isso, passa a reproduzir, em seu discurso, sentidos pré-construídos (PÊCHEUX, 2009), advindos de outros lugares, os quais passam a significar na materialidade. Mas de que forma tais sentidos significam no corpo? De que forma a língua significa no discurso dos transexuais? É o que procuramos demonstrar neste trabalho.

1. Um primeiro efeito: corpos em metonímia

O corpo é materialidade significativa: tal qual a língua, ele significa em uma dada formação social. O corpo fala: é através dos significantes do corpo que percebemos as formações discursivas às quais um sujeito se filia. Conforme Ferreira (2011, p. 95), “esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito”.

Nos corpos dos sujeitos transexuais, o corpo não apenas fala e falta, constituindo-se através desses processos. O corpo desses sujeitos é sobretudo um corpo que falha por não conseguir inscrever-se no discurso da ciência, uma vez que esta define concepções normativas em relação ao corpo, já que pensa o corpo apenas em relação ao seu aspecto biológico. Ainda, o discurso da ciência serve como baliza aos demais discursos que se constroem na formação discursiva dominante. Isso significa que há um discurso que domina os demais, e que é através dele que discursos outros – como o discurso jurídico e o discurso jornalístico – irão se pautar, ou seja, irão buscar, nos sentidos dominantes, os mecanismos de repetição e sedimentação dos saberes relativos à transexualidade. Portanto, se um discurso dominante vê os corpos dos sujeitos transexuais como errados ou incompletos, o discurso do sujeito também pode vir a repetir (ou não) esses sentidos.

Contudo, para a Análise do Discurso, a noção de falha nos é muito cara, e não é vista como um problema que deva ser sanado, curado. Constitutiva do corpo discursivo (FERREIRA, 2011), no corpo dos transexuais, a relação falta-falha torna-se visível: as cicatrizes, as marcas das cirurgias, os inchaços provocados pelos hormônios passam a se traduzir na pele, mostrando os indícios da transformação

desses sujeitos e da contradição subjacente: são homens e são mulheres.

O sentido de que algo falta e deve ser preenchido não está apenas no corpo mas também no discurso desses sujeitos. Contudo, tentar se compor não apenas como de um sexo outro, mas, sobretudo, como de um gênero outro³ é um ritual. Um ritual de passagem de um corpo a outro, que, sabemos, é falho (PÊCHEUX, 2009 [1975]).

No discurso dos sujeitos transexuais, portanto, são as marcas de incompletude que instituem o registro desses sujeitos em uma determinada formação. Uma formação discursiva distinta daquela que vê a falha como uma patologia – como uma falha que deve ser corrigida⁴. O corpo que falta, no caso do sujeito transexual, jamais será preenchido em sua totalidade. Será um corpo permanentemente falho, assim como esse sujeito jamais será um homem *ou* uma mulher, tal como o discurso da ciência quer estipular. É aí que ocorre a falha, porque o sujeito transexual não *está* em uma transição; ele *é*

³ É importante lembrar que, no âmbito dos estudos de gênero, sexo é um significante puramente biológico enquanto o gênero é uma construção social, isto é, o gênero é uma construção que depende de fatores culturais, sociais e de relações de poder. Bento afirma que os estudos de gênero são marcados por três momentos denominados pela autora como “universal, relacional e plural”. Para Bento (2006), o primeiro momento, nomeado como “universal” engloba os estudos iniciais que elaboraram “constructos para explicar a subordinação da mulher com base na tradição do pensamento moderno, que, por sua vez, opera sua interpretação sobre as posições dos gêneros na sociedade a partir de uma perspectiva oposicional/binária e de caráter universal” (p. 70). O segundo momento, definido como “relacional”, indica uma ruptura da visão da mulher como “portadora de uma condição universalmente subordinada” (p. 74), em que o gênero é estudado em relação à diferença sexual, o que leva ao entendimento de que a heterossexualidade continuaria seguindo como referência à construção das demais sexualidades, determinando identidades a partir de uma matriz de sentidos. O terceiro momento, classificado como “plural” é o momento do campo de estudos *queering*, cujo objetivo não é exclusivamente analisar a homossexualidade, mas, sim pensar a construção do binarismo homossexualidade/heterossexualidade, “em que a heterossexualidade se revelará ao mesmo tempo como produtora da homossexualidade e como estrutura parasitária do seu outro perverso” (p. 81).

⁴ As falhas que devem ser corrigidas nos lembram dos corpos dóceis dos quais fala Foucault (2008, p. 118): “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado”. O corpo dócil do transexual é submetido às injunções ideológicas e transformado de forma a identificar-se com a forma-sujeito da formação discursiva dominante.

uma *permante* transição. Esse sentido, por si só, já o desloca de uma posição-sujeito homem/mulher e o coloca em um lugar de resistência, que só pode ser pensado em uma ordem própria: a do impossível.

Entendemos, assim, que essa ordem possa ser considerada como do impossível porque trata da resistência do corpo, que, por ser considerado fora dos padrões heteronormativos, escapa ao binarizado para significar. O corpo resiste nessa falta – falta à concepção biológica e determinista e falta à ordem da língua, que não encontra significantes para referir-se a esse corpo. Esse corpo impossível às formações que o determinam passa a se significar justamente pela sua não-pertença às ordens que tentam determiná-lo.

O corpo e a língua, portanto, significam juntos. Complementam-se. Por vezes, deixam escapar o contraditório, o lapso. Mas a língua é uma estrutura e essa palavra também nos lembra o corpo: um corpo que é estruturado é um corpo cujas várias partes se articulam objetivando um todo coerente, saudável, normal.

Mas a língua, por sua vez, também lembra estrutura. A soma de estruturas morfológicas, sintáticas, que se unem e se relacionam compondo um imaginário de língua coerente, cujas explicações para todos os fenômenos estejam ali é também uma língua desprovida de falhas, de ruídos, uma língua pura e completa e, por assim dizer, da ordem do impossível.

Nessa concepção empírica de língua, metáfora e metonímia são descritas classicamente como “figuras de palavras”, ou seja, como palavras que têm seu sentido alterado na relação denotação-conotação, cisão própria das visões linguísticas tradicionais que não encontra eco nas proposições da Análise de Discurso. Nas concepções tradicionais de língua às quais nos referimos, a explicação para a

metonímia encontra-se na substituição de um termo por outro, através de uma relação de semelhança ou possibilidade de associação entre esses termos, principalmente em uma relação parte-todo, o que permitiria haver formas de metonímia tradicionalmente classificadas como as metonímias de conteúdo, por exemplo. Contudo, essas concepções de língua manifestam uma posição demasiado consciente, concebendo um sujeito capaz de controlar o sentido e inaugurando uma proposta de linguagem pronta e acabada, como se dela pudéssemos apenas extrair significados.

No entanto, passamos a perceber uma pequena ruptura com essa visão tradicional de língua, a partir do trabalho de Jakobson, o qual retira a metáfora e a metonímia do espectro da figura de palavras e as coloca em uma posição primordial no sistema linguístico. Nos trabalhos que desenvolveu sobre a afasia, o autor classifica a metáfora e a metonímia como a estrutura bipolar da linguagem. Assim, os sujeitos realizariam dois tipos de atividade ao falar: uma relacionada com a similaridade, concernente à seleção dos paradigmas ou “unidades da língua”, e outra relacionada à contiguidade, através da combinação sintagmática dessas unidades linguísticas. Na similaridade, o falante poderia escolher o termo a ser utilizado, empregar uma palavra ao invés de outra. Já na contiguidade, há a relação entre palavras que formam uma continuidade. Para o autor, a atividade de seleção de palavras seria metafórica, enquanto a atividade de combinação seria metonímica (JAKOBSON, 1972, P. 55-62).

A partir dessas considerações, Jakobson demonstra que os processos metafóricos e metonímicos ocorrem no funcionamento do sonho. Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 711), o autor “situa o simbolismo na atividade metafórica, enquanto inclui a condensação e o deslocamento na atividade metonímica”. Na leitura lacaniana do

trabalho de Freud, ocorre uma ruptura, pois Lacan diz que em termos linguísticos, a transposição do conteúdo latente em conteúdo manifesto (o trabalho dos sonhos), resulta como o deslizamento do significado sob o significante.

Para isso, também é importante lembrar que as noções de significante e significado adquirem, na psicanálise lacaniana, uma outra dimensão – que se difere da proposta linguística de Saussure. Para Saussure, na formação do signo linguístico, há uma “soma” de significante (imagem acústica) com o significado (conceito). Esses dois termos se unem para produzir a significação, dentro de uma esfera que, de certa forma, encerra os sentidos, pois o significante não pode estar alijado do significado.

Lacan baseia-se na formulação de Saussure para estabelecer uma topologia própria à psicanálise. Assim, o autor coloca o significante em primazia em relação ao significado. Por isso, na topologia lacaniana, não há uma esfera que contenha os sentidos, pois não há relação fixa entre significante e significado. De acordo com Jorge e Ferreira (2011, p. 46-7), “sem que o sujeito se dê conta, ele está sendo comandado pelo significante”, isto é, os sujeitos usam ao tempo todo a linguagem, mas raramente acessam os significados.

Lacan demonstra que não há relação unívoca entre significante e significado. Assim, no discurso, a imaginária seleção dos termos linguísticos realizados pelos sujeitos pode falhar, fazendo com que os sentidos fiquem à deriva. A partir dessa retomada de conceitos, demonstramos como as noções de metáfora e metonímia são tomadas por Lacan: a metáfora seria a condensação ou “superposição dos significantes” enquanto a metonímia produziria uma ruptura com a significação, designando um deslocamento (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 711).

Partindo dessas considerações, entendemos que tanto corpo quanto língua se estruturam a partir de seus fragmentos, já que cada um se estrutura através de seus significantes. Dessa forma, podemos dizer que o corpo é metonímico, uma vez que cada pedaço do corpo, assim como cada pedaço da palavra, sustenta os sentidos que podem deslizar e escapar.

No entanto, não podemos esquecer da nossa posição de analistas de discurso, ou seja, nem linguistas tampouco psicanalistas. Do nosso ponto de vista, não falaremos em metonímia como figura de linguagem nem como um processo inconsciente, mas, sim, como um processo discursivo, que leva em consideração não apenas as abordagens estritamente linguísticas ou psicanalíticas, mas, também, o atravessamento histórico-ideológico da constituição dos sentidos. Por isso, não falaremos em metonímia, mas, sim, em *efeitos metonímicos*.

Pretendemos analisar o funcionamento de um discurso de efeito metonímico⁵ em que o sujeito, através da relação parte-todo tenta compreender a angústia pela qual está passando. No entanto, essa relação parte-todo não ocorre apenas intradiscursivamente, ou seja, no fio do discurso, mas em relação aos elementos interdiscursivos que atravessam o dizer.

Na SD abaixo, apresentamos um fragmento de um discurso concedido por um sujeito transexual na condição de entrevistado a um sujeito jornalista/apresentador de programa televisivo de entrevistas:

⁵ Falamos em efeito metonímico para demonstrar que a noção de metonímia – como conhecida normativamente – não é suficiente para abranger os efeitos que se produzem no discurso. Por isso, distanciamos-nos da noção da “nomenclatura” para falar, no plano do discurso, em efeito.

SD1⁶

Sujeito entrevistador: ahn... e aí você sonha em fazer essa cirurgia... mas pra quê?... você tá tão bem assim...

*Sujeito transexual: olha... eu **me**...*

*Sujeito entrevistador: pode variar... pode ficar **uma coisa mais**...*

*Sujeito transexual: não... **porque eu já me sinto mulher... eu me sinto 99,9% realizada... eu acho que é só esse detalhe... a minha cabeça**...*

Sujeito entrevistador: éh:...

*Sujeito transexual: **detalhinho**...*

Sujeito entrevistador: detalhezinho... agora você sabe que é uma cirurgia muito... muito dolorosa... complicada... dolorida... você tá sabendo disso?

*Sujeito transexual: sim, claro... **mas a vontade é**...*

Sujeito entrevistador : é maior...

*Sujeito transexual: **é bem maior que qualquer dor**...*

O sujeito entrevistador formula a pergunta ao sujeito transexual através de uma relação direta entre o imaginário do que é uma mulher (para quê fazer a cirurgia? Você está tão bem assim...) e daquilo que julga que o sujeito transexual quer ser (uma mulher). Para o entrevistador, apenas isso bastaria, relegando à transexualidade, não uma condição humana pela qual o sujeito sofre em relação ao seu gênero, mas, sim, a uma cirurgia com valor puramente estético. O corpo aqui é visto como um suporte de beleza, uma mercadoria supérflua que pode ser construída através de uma cirurgia.

O sujeito transexual não consegue determinar-se a partir do discurso do outro. O sujeito entrevistador parece querer dominar os saberes nas condições em que é produzida a entrevista. Assim a expressão “olha... eu me...” não pode ser concluída, uma vez que o discurso do sujeito entrevistador irrompe novamente, tentando determinar o dizer, sem, no entanto, terminá-lo (“pode variar... pode ficar uma coisa mais...”). Notemos que o sujeito também não consegue

⁶ Sequência extraída do corpus de análise: entrevista de Felipa Tavares concedida ao entrevistador Jô Soares em 05 de abril de 2012.

determinar o que seria esse algo a mais no corpo do transexual, deixando os enunciados ainda mais em suspenso, pois não nem sujeito entrevistado nem sujeito entrevistador conseguem encontrar determinações capazes de definir esses corpos, gerando um esvaziamento dos sentidos. Mais uma vez, corpo e língua se encontram, justamente na não correspondência entre o que se tenta determinar (corpo) e o que se é (sujeito).

Essa tentativa de definir-se ocorre através da negação. O sujeito, portanto, tenta responder ao inquirido, através de uma negação seguida da justificativa: “porque eu já me sinto mulher... eu me sinto 99,9% realizada...”. Tal justificativa provoca no discurso aquilo que Pêcheux chama de “evocação lateral do pensamento” (2009 [1975], p. 101). O autor diz que:

por oposição ao funcionamento do pré-construído – que dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência –, a articulação de asserções, que se apoia sobre o que chamamos o “processo de sustentação”, constitui uma espécie de retorno de saber no pensamento” (PÊCHEUX, 2009 [1975], p. 101-2).

O recorte dessa SD traz um funcionamento discursivo que incide no discurso de forma a trazer à tona um saber de uma outra formação discursiva que se cola ao discurso do sujeito, produzindo um efeito de alinhamento entre aquilo que o sujeito entrevistador pensa estar afirmando e aquilo que diz. Esse elemento de outra FD está ligado à relação em que o sujeito busca no imaginário do que é uma mulher. Sendo assim, sente-se 99,9% mulher. Apenas falta um detalhe: a cabeça. Esse retorno do saber no pensamento é a incidência de uma outra FD – que não a do sujeito transexual – no discurso desse sujeito. A relação parte-todo ou corpo-cabeça não se completa

porque cada uma diz respeito a uma FD diferente. Enquanto a cabeça corresponde a uma FD médico-científica – que traz à tona os saberes da patologia, da doença⁷ – o corpo mostra um sujeito identificado com uma posição feminina, sentindo-se uma mulher. Esse desencaixe entre uma FD e outra faz incidir o efeito metonímico nesse discurso, uma vez que o sujeito não se identifica por suas partes, mas tais partes, em seu desencaixe produzem esse modo de subjetivação que foge ao determinado.

A contradição entre cabeça (mente) e corpo é presente no discurso dos sujeitos transexuais, como se o corpo físico não pudesse obedecer o que a cabeça “comanda”. Há uma relação de superioridade entre a cabeça, como parte do corpo responsável pela racionalidade e pela lógica, e o resto do corpo como resignado ao que a razão define.

No entanto, esse “detalhe” de que fala o sujeito é suficiente para mostrar a sua relação com o outro. “A vontade é bem maior do que qualquer dor” é o enunciado que finaliza essa sequência e que nos faz pensar na procura infundável pelo desejo de completude.

2. Um segundo efeito: discursos em metáfora

Pêcheux nos diz que os discursos são construídos em relação uns aos outros. Assim como o autor rechaça a tese de o sujeito ser

⁷ É importante lembrar que até a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM IV), o transexualismo, conforme o termo utilizado no referido manual, foi classificado como uma parafilia, sob o termo “Transtorno de Identidade de Gênero”, recebendo um código (F64.x) no CID (Classificação Internacional de Doenças). Em 2013, com a publicação da quinta edição do mesmo manual (DSM V), a transexualidade passa a adquirir um novo estatuto, sendo considerada uma “disforia de gênero”. Contudo, a passagem de um transtorno a uma disforia, ainda que na ciência médica signifique uma mudança científica, nos deixa claro que não houve nenhuma mudança de ordem histórico-ideológica, sendo apenas criado mais uma forma de mascaramento para tratar a questão. Assim, os sujeitos transexuais seguem sendo tratados como portadores de uma doença mental que, contraditoriamente, é “curada” através de uma cirurgia no corpo.

origem e ponto de partida do sentido, o discurso produzido também não pode ser pensado como uma fundação inédita do dizer, mas, sim, como uma produção em uma teia de sentidos, que são recuperados, repetidos e transformados através do trabalho da memória e do interdiscurso. Nessa teia de dizeres, também é pensada a metáfora. Mais do que explicada pela semântica formal e pela pragmática, a metáfora é um sentido que vai além, que se produz nessas condições: em sentidos suspensos, emaranhados, que derivam para outras significações.

No entanto, a necessidade de se pensar a metáfora nos estudos da linguagem não é contemporânea ou não culmina com o nascimento da linguística, a partir do pensamento saussureano. A importância concedida à metáfora aparece já em Aristóteles, com a sua abordagem clássica. Na perspectiva desse autor, segundo Cançado (2005, p. 100), “a metáfora é vista como um instrumento retórico usado, algumas vezes, para se obter determinados efeitos de sentido”. Cançado ainda afirma que:

o processamento de uma metáfora requer do ouvinte uma forma especial de interpretação: a metáfora tem, como ponto de partida, a linguagem literal, que é detectada pelo ouvinte como sendo anômala. Como o ouvinte espera que o falante tenha a intenção de transmitir algum tipo de significado, o primeiro recorre a certas estratégias de interpretação, transformando a sentença anômala em algum tipo e sentença com significado (CANÇADO, 2005, p. 100).

“Ponto de partida”, “sentido literal”, “detectada”, “intenção de transmitir” são elementos próprios do campo de saber da semântica formal, que trata a língua como produto e os falantes como estrategistas que podem controlar a interpretação, em maior ou menor

grau. Dessa forma, o tratamento tradicional dado à metáfora, classificada como uma comparação implícita, em que algumas palavras ou expressões compartilhariam traços de semelhanças entre si, através do uso do sentido figurado, por exemplo, não abarca as condições de produção sócio-históricas e culturais nas quais as metáforas são produzidas.

Assim, essa concepção de metáfora, pensada no centro de um antagonismo entre sentido literal e figurativo, não pode ser abarcada pela teoria a qual nos filiamos, uma vez que sabemos que o sentido não é preexistente, ou seja, assim como não há centralidade para o sujeito, não há como delimitar um ponto de onde surgem os sentidos. Isso nos mostra que a concepção de metáfora como uma simples comparação não é suficiente para entendermos os efeitos de sentido que podem ser produzidos, a partir da consideração das condições de produção de um discurso.

A literalidade pressupõe a ideia de um núcleo de sentido, que seria o correto, o sentido de referência. No entanto, entendemos que o sentido não está no centro, mas é construído em suas bordas, nas margens (Cf. INDURSKY, 1995, p. 144). Assim o sentido está à deriva, está relacionado às formações discursivas em que é produzido e pode se deslocar a outros lugares, produzindo outros efeitos, outras significações.

Conforme Pêcheux (2011, p. 158):

Isso suporia que não há, de início, uma estrutura sêmica do objeto, e em seguida aplicações variadas dessa estrutura nesta ou naquela situação, mas que a referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso. Não haveria assim naturalidade “técnica” do balão livre ou da estrada de ferro, ou naturalidade

“zoológica” da toupeira, que seria em seguida objeto de metáforas literárias ou políticas; a produção discursiva desses objetos “circularia” entre diferentes regiões discursivas, das quais nenhuma pode ser considerada originária (PÊCHEUX, 2011, p. 158).

Essa afirmação do autor permite-nos compreender que não há um traço próprio a um determinado significante, justamente porque esse significante só pode ser compreendido, interpretado na sua relação com as condições de produção e, portanto, com a formação discursiva a qual se filia no momento da produção de seu discurso.

O sentido, então, se constrói no percurso desse significante. Assim, Pêcheux situa a metáfora como um processo discursivo, distanciando-se da concepção tradicional da metáfora como produto, pronto e acabado, facilmente “detectável” nos estudos tradicionais da linguagem. Na formulação da AD, o trabalho metafórico está relacionado ao interdiscurso, o qual não é visto como um efeito integrador, mas, sim, como um espaço contraditório, que abriga uma diversidade de sentidos possíveis, fazendo com que os elementos de uma sequência discursiva dada possam se deslocar historicamente (Cf. PÊCHEUX, 2011, p. 158) e não mais serem repetidos, mas, sim, transformados. Conforme Orlandi (2012, p. 173):

Não há dizer que para fazer sentido não se inscreva na memória. Não há dizer que não se faça a partir da repetição. No entanto, na repetição histórica, há deslocamento, deriva, transferência, efeito metafórico. E o efeito metafórico é retomada e esquecimento, desliza para outro lugar de sentido, novo gesto de interpretação (ORLANDI, 2012, p. 173).

A metáfora, portanto, deve ser pensada em relação à heterogeneidade dos sentidos que podem e devem ser ditos, levando em consideração que a mudança dos sentidos está relacionada tanto à ideologia quanto ao inconsciente. A metáfora ocorre nas bordas do

dizer, nos processos de constituição e deriva dos sentidos e, sobretudo, deve ser pensada em relação à transferência dos sentidos, ou seja, como as palavras adquirem sentidos distintos a cada nova repetição até se tornarem completamente distintas.

Mas, como entendemos os espaços de produção de sentidos como contraditórios e porosos, não podemos conceber essa transferência de uma forma simples e linear. É preciso pensar a transferência como um atravessamento entre as várias FD que compõem uma formação social dada. Uma transferência que ousa atravessar os obstáculos do dizer e que constitui sujeito e sentido. Para isso, é preciso convocar Lacan e sua concepção psicanalítica sobre a metáfora – ligada à condensação.

O percurso do termo psicanalítico “condensação” foi cunhado por Freud para designar um dos principais modos de funcionamento do inconsciente. Segundo Roudinesco e Plon (2008, p. 125), “a condensação efetua a fusão de diversas ideias do pensamento inconsciente, em especial no sonho, para desembocar em uma única imagem no conteúdo manifesto, consciente”. A condensação é, dessa forma, o espaço em que estão reunidos, sob a forma de uma aparente contradição, os conteúdos manifestos de um sonho, relacionados a uma pobreza de sentidos, e os pensamentos latentes, relacionados à pluralidade de significações. O antagonismo entre a pobreza do conteúdo manifesto está relacionado à língua – à impossibilidade de a linguagem dizer tudo – em oposição ao inconsciente – às múltiplas possibilidades de produzir sentidos.

A noção de fusão já nos permite antecipar que Freud, ao conceber a condensação, pensa em um processo de compartilhamento de sentidos que permitem, dado algum traço semelhante, amalgamar-se e produzir um sentido dado, ao que está designado

como uma imagem. Uma imagem que pode ser conscientemente produzida, a qual será lembrada, rememorada, produzindo um significado – ainda que não interpretável – mas significando em meio ao caos dos sentidos dispersos.

Em Freud, a condensação ainda aparece sob a forma de uma estranheza, já que, quando os sentidos são transpostos no sonho para o discurso, há uma aparente inapreensão do sentido por parte do sujeito. Essa estranheza – que pode estar relacionada tanto à impossibilidade de dizer tudo quanto à impossibilidade de o sujeito interpretar o que foi sonhado – parece-nos dar indícios da formulação por Milner (1983), da noção de real da língua.

É Lacan que, partindo do trabalho de Freud, irá relacionar a condensação à metáfora. O autor diz que “não existe sentido senão metafórico, só surgindo o sentido de substituição de um significante por outro significante na cadeia simbólica” (LACAN, 1999, p. 16).

Contudo, devemos ressignificar a noção de metáfora, a partir da posição da AD: a substituição de um significante por outro não ocorre de maneira aleatória ou apenas em relação ao inconsciente. Lembremos a relação entre ideologia e inconsciente estabelecida por Pêcheux. Diz o autor (2009 [1975], p. 278-279):

A ordem do inconsciente não coincide com a da ideologia, o recalque não se identifica nem com o assujeitamento nem com a repressão, mas isso não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro do inconsciente. Não estamos, com isso, querendo sugerir que o lapso ou o ato falho seriam, como tais, as bases históricas de constituição das ideologias dominadas; a condição real de sua disjunção em relação à ideologia dominante se encontra na luta de classes como contradição histórica motriz (se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um mestre (PÊCHEUX, 1978[2008], p. 278-279).

Pêcheux faz essa afirmação levando em consideração a contribuição da psicanálise na própria constituição da teoria da AD, contudo, posiciona-se de maneira a não valorizar a contribuição de uma teoria em detrimento de outra, preservando cada teoria em seu lugar. A contribuição da AD consiste na ressignificação dos conceitos com os quais essas áreas trabalham, produzindo a sua própria teoria.

Mas que lugar ocupa a metáfora, se não é puramente de ordem inconsciente, nem de ordem linguística? O próprio Pêcheux já nos dá indícios, quando afirma (idem, p. 277):

Continua, pois, bastante verdadeiro o fato de que o “sentido” é produzido no “non-sens” pelo deslizamento sem origem do significante, de onde a instauração do primado da metáfora sobre o sentido, mas é indispensável acrescentar imediatamente que esse deslizamento não desaparece sem deixar traços no sujeito-ego da “forma-sujeito” ideológica, identificada com a evidência de um sentido. Aprender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimento e brechas, “uma palavra por outra” é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (e o mínimo que se pode dizer é que os exemplos são abundantes, seja na cerimônia religiosa, no processo jurídico, na lição pedagógica ou no discurso político) (PÊCHEUX, 1978[2009], p. 277).

Nesse fragmento do texto de Pêcheux, está o indício básico pelo qual a AD sedimenta seu trabalho: a linguagem, por si só, é metafórica. Não há, pois, em se tratando de AD, uma linguagem literal, denotativa, que serviria de referência para que o sentido pudesse se desdobrar. Não há, portanto, uma origem para nenhum sentido. Ele se produz apenas através de um efeito, ideológico, de transparência. Esse efeito de evidência do sentido, como se ele estivesse sempre-aí, é a base da forma-sujeito, que insiste em produzir o efeito certo

da interpelação. Mas, como o autor nos diz, “não há ritual sem falhas”: há falha na interpelação, há fragmentação do sujeito e do sentido, o que nos leva sempre a deslizar entre uma posição e outra, entre uma formação discursiva e outra.

Mas se a linguagem é fundamentalmente metafórica, como explicar enunciados comparativos, enunciados que tentam produzir sentido a partir de uma comparação implícita?

A metáfora, portanto, não pode ser pensada apenas na sua relação linguística – da semântica tradicional, como a comparação implícita entre duas palavras – nem como a noção psicanalítica, derivada do conceito freudiano de condensação, relativo ao sonho, à elaboração analítica dos processos pelos quais passa o sujeito em análise. Na AD, o estabelecimento de um conceito de metáfora não pode ser pensado somente relacionado ao inconsciente ou à linguística, mas, sim, como um conceito que é ressignificado a partir dessas outras teorias.

A partir dessas considerações, passamos à análise da sequência discursiva, que trata do discurso do sujeito transexual ao jornalista/apresentador do programa de entrevistas:

S.D.2⁸

Sujeito entrevistador: agora... co:...nta pra mim... como é que é... eu tenho uma curiosidade imensa... eu imagino que as pessoas... enfim... qual é a sensação... é... é... eu fico... é uma coisa que me fascina. Qual é... o que que é... é um sofrimento... é um...

Sujeito transexual: é horrível:....

Sujeito entrevistador: é uma divisão... Como é que é isso?

*Sujeito transexual: Eu acho que hum... a descrição melhor pra isso é... tentar... **cê tenta pôr o sapato invertido... nos pés errado e fica o dia inteiro com esses sapato no pé... Então você sen-***

⁸ Sequência extraída do corpus de análise: entrevista de Léa T. concedida à entrevistadora Marília Gabriela em 02 de outubro de 2011.

te esse desconforto... tem algo que não encaixa com o resto do corpo... Então é o seu corpo que não encaixa com a alma... Então você sente esse incômodo...

Na SD2, temos a metáfora como tentativa de, por parte do sujeito, de explicar a transexualidade para o outro e para si. A comparação da transexualidade ao uso de um sapato de um pé no outro revela a necessidade da interpretação daquilo que o sujeito está passando. É a tentativa de formular – no plano do discurso – o que não pode ser compreendido no plano do corpo.

Essa metáfora, pensada enquanto figura de linguagem, está carregada de sentidos do senso-comum, caracterizando o discurso desse sujeito, afinal, quem não saberia o desconforto causado por calçar os pés nos sapatos trocados? Assim, o trabalho da metáfora está feito: é construída uma referência discursiva, em uma FD do senso-comum, que, a sua vez, é deslocada para produzir efeitos de sentido na FD em que esse sujeito se encontra. É uma tentativa de aproximação do sujeito com o outro.

Além disso, essa formulação revela um outro importante saber: a relação que o sujeito constitui, inconscientemente, com a forma e o conteúdo. Explicamos melhor: as sexualidades representam formas – formas femininas para mulheres, formas masculinas para homens. Em uma formação social que estipula apenas dois sexos e dois gêneros, as sexualidades são formatos com os quais os sujeitos, homens ou mulheres, devem se “encaixar”. Tal como o pé direito e o pé esquerdo, que devem ser colocados dentro dos sapatos “certos”, as sexualidades parecem ser formas prontas e fixas, binarizadas e polarizadas, cabendo aos sujeitos adequar-se a elas.

A metáfora utilizada, portanto, não é uma metáfora qualquer, constituindo-se como um *efeito metafórico*, pois serve ao con-

forto da angústia desse sujeito, que parece deslocado desse corpo. Ela demonstra como alguns saberes estão fixos, arraigados ideologicamente. Esse enunciado aparece para perturbar a ordem daquilo que parece tão natural na sociedade, como o fato de calçarmos os sapatos equivocadamente, por isso não pode ser considerada uma referência a um enunciado primeiro, mas a estipulação de uma relação da ordem do impossível para que esse sujeito estabeleça o seu modo de subjetivação. Entendemos, portanto, que o sujeito parece precisar interpretar e demonstrar ao outro a sua angústia, aproximando-a daquilo que é mais “comum” ao seu ouvinte. Essa aproximação ilusória escapa aos saberes do que é ser transexual, e a língua não é suficiente para abrigar essa constituição de sentido.

A formulação desse enunciado representa não só uma tentativa de descrição do que a transexualidade significa para o sujeito transexual e da injunção desse saber frente ao outro, revelando a necessidade de um sentido de compreensão. Essa formulação é, sobretudo, a fala do sujeito, o seu grito de resistência perante os sentidos dados como evidentes. E, assim, quando os sentidos são formulados revelando uma posição desse sujeito, temos a constituição de uma formação discursiva própria do sujeito transexual.

Novamente, a exemplo da SD1, o enunciado metonímico também repercute na sequência em análise. A expressão “o resto do corpo” retoma uma memória da relação apartada entre a cabeça e as outras partes do corpo, lembrando um sujeito do discurso que tenta encontrar a coerência no seu corpo. Novamente, a noção de um corpo que deve obedecer a um formato reaparece: o seu corpo não encaixa com a sua alma, lembrando o que nos diz Foucault:

o homem de que nos falamos e que nos convidamos a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição

bem mais profunda do que ele. Uma “alma” o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo (FOUCAULT, 2008, p. 29).

A relação corpo e alma consiste em o sujeito colocar-se em um lugar de sujeição, como se alma mandasse no corpo. A alma imaginariamente é colocada em uma posição superior, quase divina, em que se retoma uma memória cristã, de um sujeito cindido entre corpo e alma. Ainda Foucault, em outra publicação (2010 [1974-1975], p. 152), nos lembra do “governo das almas”, o poder da Igreja, que através da penitência, levaria à salvação.

Em seu discurso, o sujeito transexual tenta, de alguma forma, salvar-se. Se antes eram feitas confissões ao padre, dentro de uma FD religiosa, e depois ao médico, em uma FD científica, em esferas íntimas e carregadas de interditos, que só podiam ser ditos naqueles espaços discursivos, agora as confissões são feitas na esfera pública. Nas condições de produção em que está sendo constituído esse discurso, na mídia televisiva, o sujeito muda esse lugar e confessa ao sujeito entrevistador, falando não apenas para o outro, mas para todos os outros, mostrando a sua resistência e colocando-se em um lugar discursivo de militância. Se antes a alma só poderia falar ao padre e os corpos só poderiam ser mostrados ao médico, no momento em que esse sujeito se deixa falar publicamente, ocorre uma fusão, em que esse sujeito, fazendo corpo e alma em um só, inaugura uma nova posição para o sujeito transexual.

Considerações finais

Há uma palavra que liga metáfora e metonímia. Não apenas

caracterizadas como figuras de palavras ou relacionadas aos conceitos psicanalíticos de condensação e deslocamento, metonímia e metáfora carregam ainda uma ideia de “transferência”. Transferência de sentidos que podem mudar de acordo com cada formação discursiva que analisamos.

Procuramos demonstrar que os conceitos de metáfora e metonímia – no âmbito da AD – não podem ser pensados fora da relação com inconsciente e ideologia. Assim, utilizamos formulações próprias do nosso campo, as de efeito metafórico e metonímico, mostrando a necessidade dessa relação à constituição da noção de discurso e de sujeito.

Metáfora e metonímia, portanto, parecem-nos estar relacionadas à ideologia, notadamente às formações discursivas. Em nossas análises, tentamos demonstrar que uma palavra por outra não é apenas uma escolha intencional de um sujeito falante. Uma palavra por outra pode provocar uma mudança de formação discursiva que, por sua vez, indica um deslize ou uma ruptura.

Os discursos analisados não podem ser pensados a partir de categorias linguísticas estanques e deslocadas. Por isso, a ideia de efeito nos parece apropriada para pensar o registro desse corpo que é da ordem do impossível. Ao tratarmos de um efeito, o efeito do discurso, entendemos que o corpo assume uma dimensão além daquela normatizada, sendo suscetível à interpretação e não à classificação.

Os efeitos metafóricos e metonímicos produzem um recorte dos saberes do interdiscurso que dão ao sujeito a necessária ilusão de “escolher” as palavras que irá usar para tentar fazer-se entender. Dessa forma, ocorre a sua filiação a uma determinada posição, produzindo, ora um pequeno descentramento em relação à formação

discursiva ora a ruptura total com os saberes dessa FD. Percebemos que, ao tentar descrever a transexualidade, o sujeito desloca a formação discursiva da qual está falando, aproximando-se dessa uma formação discursiva para buscar um lugar para si – o lugar de um sujeito transexual.

Assim, as duas possibilidades – deslizamento ou deslocamento – possibilitam a dispersão dos sentidos que trabalham na contradição própria desse lugar peculiar que a AD ocupa: o retorno ao que é sempre diferente.

Referências

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CANÇADO, Marcia. **Manual de semântica**: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

DSM IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Consulta disponível em <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=89&sec=23>. Acesso em 19/02/2014.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O discurso do corpo. In: MITTMANN, Solange e SANSEVERINO, Antônio Marcos. **Trilhas de investigação**: a pesquisa no I.L em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2011.

JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nadiá Paulo. **Lacan, o grande freudiano**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel

Ramalhete. 35ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

INDURSKY, Freda. A construção metafórica do povo brasileiro. In: **Organon**. v. 09, número 23, 2001. p. 143-152.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1972.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MILNER, Jean-Claude. **Os nomes indistintos**. Rio de Janeiro: Cia de Freud 1983.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Metáfora e interdiscurso. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Textos selecionados**: Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 4ª edição. Campinas: Unicamp, 2009.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Entrevistas analisadas:

LEA T. De frente com Gabi. Entrevista. 02 de outubro de 2011. Rede de televisão SBT. Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela.

TAVARES, Felipa. Jô Soares. Entrevista. 05 de abril de 2012. Rede Globo de televisão. Entrevista concedida ao apresentador Jô Soares.

Recebido em 03/02/2017

Aceito em 10/04/2017